

**POLÍTICA, SOCIEDADE, ESTÉTICA E SOFRIMENTO PSÍQUICO NA ESFERA DO  
REALISMO CAPITALISTA**

Bernardo Freiberger Beck<sup>1</sup>

**RESUMO:** Neste texto, abordo a relação entre sociedade, política, estética e sofrimento psíquico no neoliberalismo. Utilizo como obras principais a obra de Mark Fisher chamada *Realismo capitalista* e *Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico* de autores vinculados à universidade de São Paulo. Num primeiro momento, retomo o conceito de realismo capitalista. Em seguida, abordo a estética dominante atualmente. Posteriormente, exploro alguns efeitos do realismo capitalista, e do neoliberalismo a ele associado, sobre o bem-estar mental. Por fim, exponho o que pode ser dito sobre a subjetividade neoliberal e o próprio neoliberalismo baseado na discussão apresentada.

**Palavras-Chave:** Neoliberalismo, Marxismo, Materialismo, Saúde Mental, Pastiche

*POLITICS, SOCIETY, AESTHETICS AND PSYCHIC SUFFERING IN THE SPHERE OF  
CAPITALIST REALISM*

**ABSTRACT:** In this text, I address the relationship between society, politics, aesthetics and psychic suffering in neoliberalism. I use as main works the work of Mark Fisher called *Realismo Capitalista* and *Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico* written by authors related to the São Paulo University. At first, I return to the concept of capitalist realism. Then I address the currently dominant aesthetics. Later, I explore some effects of capitalist realism, and associated neoliberalism, on mental well-being. Finally, I expose what can be said about neoliberal subjectivity and neoliberalism itself based on the discussion presented.

**Keywords:** Neoliberalism, Marxism, Materialism, Mental Health, Pastiche

---

<sup>1</sup> Mestrando em Filosofia pelo PPGFIL UNISINOS. E-mail: bernardo.bck@hotmail.com

## 1. Realismo capitalista e a morte do amanhã

Em sua obra *Realismo Capitalista*, Mark Fisher (1968-2017) descreve a lógica cultural do pós-guerra fria. Se antes das décadas finais do século XX a atmosfera política era dominada por uma disputa entre duas formas de sociedade distintas, o final do mesmo século trouxe uma nova configuração na esfera política na qual não existe alternativa à sociabilidade atual. Fisher (2020) retoma esse sentimento ao lembrar a frase de Thatcher “*There is no alternative*”. Mediante a derrota da proposta representada pelo socialismo real, a própria proposta presente no bloco ocidental se modificou a ponto de não mais prometer algo novo mas sim a continuidade do que já existe. A aceção da inevitabilidade do já existente como única possibilidade realista é o que Fisher (2020) busca representar com o conceito de realismo capitalista.

Safatle (2022), fornece um interessante exemplo de como o realismo capitalista de que fala Fisher de fato parece estar consolidado. O autor cita o comportamento dos representantes do fundo monetário internacional (FMI) ao negociar com os representantes do governo grego após a crise de 2008. Os representantes do FMI afirmaram que estariam dispostos a debater com os gregos quando estes tomassem atitudes adultas. Nessa perspectiva, a situação de sofrimento a ser imposta à população grega não mais era uma escolha política ou uma possibilidade mas sim a única alternativa possível. Assim, caberia aos gregos apenas aceitar a inevitável austeridade e as privações uma vez que mesmo imaginar um cenário diferente seria algo infantil. Ocorre, neste cenário abordado por Safatle (2022), a solidificação da ideologia, no sentido desenvolvido por Marx e Engels (2007), mediante aceitação de uma situação social como fato natural e imutável. Não existe discussão fundamentada ou disputa de valores, quaisquer que sejam, sobre como agir se não há alternativa quanto à ação a ser tomada (FISHER, 2020).

O realismo capitalista é a apreensão da ordem do capital em sua fase neoliberal como fato sendo apreendida, portanto, como inevitável. Fisher (2020) identifica este efeito se manifestando esteticamente na obra *Filhos da esperança* (2006)<sup>2</sup>. Em *Filhos da esperança*, um patógeno misterioso torna toda a humanidade estéril. Fisher (2020) relaciona este aspecto da

---

<sup>2</sup>A obra cinematográfica é uma adaptação de uma obra literária de mesmo nome.

obra cinematográfica à inexistência de um amanhã na esfera da sociabilidade no mundo real. Assim como não existem novas gerações para substituir a geração que vive a realidade distópica de *Filhos da esperança*, o realismo capitalista propaga a sensação de que não há uma sociabilidade posterior à atual. Em um momento da obra cinematográfica destacada por Fisher (2020), é apresentado um museu na qual grandes obras de diferentes momentos históricos estão armazenadas. Este museu, no entanto, parece, ao protagonista, sem função uma vez que não haverá uma próxima geração para contemplar as obras. Trazendo o museu para a esfera do realismo capitalista no mundo real, podemos entender que na ausência da possibilidade de uma outra sociedade com valores diferentes da atual, a reafirmação dos valores da sociabilidade vigente se torna inútil pois esta sociabilidade se converte em fato dentro do cenário propagado pelo realismo capitalista. Assim sendo, Fisher (2020) destaca a criação e aceitação de uma sociedade onde a prevalência é a da pura competição e exploração sem valores que a ela façam frente. Dardot e Laval (2016) identificam semelhante tendência ao afirmarem que o neoliberalismo representa a vitória da concepção do homem enquanto meio econômico em enfrentamento com a concepção do homem enquanto ser de direitos inalienáveis. Se este confronto foi vivo até a ascensão do neoliberalismo no final do século XX, hoje o homem é visto como recurso econômico. Isso se torna visível quando o discurso neoliberal difunde a ideia do sujeito empresa (DARDOT; LAVAL, 2016; ANTUNES, 2020). O indivíduo não mais é uma pessoa e sim uma empresa que deve ter liberdade para competir com as demais.

O realismo capitalista trata a dinâmica neoliberal como uma realidade. Segundo Fisher (2020) “realidade” aqui deve ser entendido como ideologia, como uma ilusão derivada do pensamento dominante que dá sustentação à sociabilidade vigente, e não deve ser confundida com o real. O real existe objetivamente; A realidade é uma configuração ideológica. Se a ideologia se manifesta nas representações (MARX; ENGELS, 2007), essa forma de apreender o mundo como sem um amanhã e sem valores deve se manifestar no movimento estético dominante atualmente.

## 2. A estética do Pastiche

De acordo com Fisher (2020), o realismo capitalista ecoa na esfera estética mediante a criação de uma arte baseada na releitura. Esta forma de arte foi chamada de pós-modernismo<sup>3</sup> e considerada a matriz cultural do capitalismo atual por Fredric Jameson (1992). Para Jameson, o pós-modernismo propaga uma visão não mais apta a tratar o mundo historicamente. A não-historicidade faz com que os indivíduos não consigam ver passado e futuro como ligados de forma compreensível. Ocorre, então, a formação do pastiche. O pastiche é uma espécie de retomada de estilos já existentes. Contudo, o pastiche os retoma de forma vazia, sem atribuir-lhes o valor que anteriormente possuíam. Nas palavras do autor :

O pastiche é, como a paródia, a imitação de um único ou peculiar e idiossincrático estilo, o uso de uma máscara linguística, falada em uma língua morta. Mas é uma prática neutra de tal mimetismo sem nenhum dos motivos anteriores da paródia [...] O pastiche é, portanto, uma paródia em branco; uma estátua com órbitas cegas [...]. (JAMESON, 1992 p.17- tradução nossa)

A cultura dentro da esfera do realismo capitalista propaga o triunfo do pastiche. A releitura se torna a regra pois nada novo pode ser criado. Assim como uma nova sociabilidade é tida como impossível, a criação do novo no campo da arte também o é. O que resta é a releitura do que já existe (FISHER, 2020). Porém, a releitura aqui se dá na forma de pastiche. Seu conteúdo agora é apreendido da forma neutralizada descrita por Jameson (1992). A linguagem velha, já consolidada, é a única possível. Mas Fisher (2020) acrescenta, ainda observando a obra *Filhos da esperança*, que, no museu sem propósito da sociedade distópica abordada, as grandes obras de arte, que antes possuíam um significado, agora eram reduzidas a meras peças de decoração. O exemplo do autor é a obra *Guernica* (PICASSO, 1937) que em sua origem é um apelo contra a guerra e a violência mas, no museu sem futuro, era despida de todo o significado para se tornar um mero artefato decorativo. De certa forma, a inexistência de um amanhã implica também uma perda de significado do passado.

É interessante destacar que o efeito da generalização do pastiche encontra um paralelo importante no discurso que ronda o mundo do trabalho. Filgueiras e Antunes (2020) destacam a adoção do discurso do trabalhador precarizado pela terceirização e pejotização<sup>4</sup>, características do neoliberalismo, como empreendedor por parte da força de trabalho. Podemos entender que o que ocorre aqui é a releitura da função do trabalhador precarizado. Por pior que seja a situação

---

<sup>3</sup> Fisher (2022) discorda da nomenclatura de Jameson (1992) e prefere chamar o fenômeno cultural em questão simplesmente de “realismo capitalista.”

<sup>4</sup> Pejotização é um termo que se refere ao movimento de criação de pessoas jurídicas por trabalhadores. O empregador, nesse caso, contrata uma pessoa jurídica e não uma pessoa física se livrando, assim, de diversos encargos trabalhistas.

do trabalhador em questão, a mudança de fato desta condição é inexistente, o que resta é reinterpretá-la, lê-la de forma diferente.

Fisher (2020) demonstra a perda de vida característica do pastiche ao comparar filmes que tem por temática o crime organizado. Obras como *O poderoso chefão* (1972) e *Os bons companheiros* (1990) são contrastadas com *Fogo contra fogo* (1995). Para Fisher, as duas obras mais antigas ainda apresentam a manutenção do valor e um formato que não adere ao realismo capitalista. Os mafiosos estruturam suas atividades sustentando-se, por exemplo, no nome da família, da tradição e da origem comum enquanto descendentes de imigrantes italianos. Em *Fogo contra fogo*, este valor a ser defendido já não mais existe. Nas palavras de Fisher (2020, p.59):

Em *Fogo contra fogo*, as atividades criminosas não são mais conduzidas por famílias tradicionais ligadas à “terra dos antepassados”, mas por bandos desenraizados em uma Los Angeles de metal cromado, cozinhas de grife e estética “multiuso”, de rodovias e restaurantes 24 horas. Todos os idioletos culturais – as colorações e aromas típicos-de que dependiam *O poderoso chefão* e *Os bons companheiros* foram dissolvidos e reconfigurados. A Los Angeles de *Fogo contra fogo* é um labirinto de logomarcas onde os limites territoriais foram substituídos por um cenário indefinidamente repetitivo de franquias idênticas.

Ora, parece existir aqui uma desconexão no discurso de Fisher. Em dado momento o novo não mais é possível; Em outro, a conservação do velho e já existente também não ocorre. O que deve ser entendido quanto à estética discutida por Fisher é que ela é reflexo de um mundo no qual não existe constância. Fisher (2020) associa a não manutenção dos valores à volubilidade da vida dentro da sociedade pós-fordista. A falta de um elemento sólido no qual a vida dos personagens possa se agarrar atua como um espelho que reflete a situação do trabalhador atual. Segundo Antunes (2020), o trabalho assumiu uma forma flexibilizada e incerta. Diferentemente do trabalhador da era fordista que passava, não raro, a vida inteira em uma única empresa, o trabalhador de hoje convive com a incerteza e a mudança constante de local de trabalho, colegas e função. O trabalhador já não mais possui a segurança nem mesmo ao estar empregado pois o emprego já não é mais uma certeza.

Cabe perguntar então onde está a estabilidade que pressupõem a não existência do amanhã. Retornemos ao ponto já abordado e lembremos que o real é diferente da realidade. O realismo capitalista se relaciona muito mais à realidade do que ao real, ele se relaciona à ideologia. Marx e Engels (2007) atentam para a transformação constante da sociabilidade humana pois esta gera condições para sua própria transformação. Quando uma realidade se põem como imutável, ela está exercendo sua influência ideológica e propagando as ideias da

classe dominante. Obviamente, a classe dominante não pensa o fim de seu próprio domínio. Por isso, a realidade do realismo capitalista prega que a sociabilidade atual -fonte do poder do grupo dominante- é eterna. Em curtas palavras, o realismo capitalista difunde a eternidade de uma sociabilidade onde não existe constância. A única coisa constante, no espectro difundido pelo realismo capitalista atual, é o próprio neoliberalismo. Assim sendo, o neoliberalismo se torna fato -constante-, como já foi comentado anteriormente, e, portanto, não necessita de valores que o representem em um eventual conflito contra outros valores pois o fato não é passível de disputa. O resultado estético é o pastiche, um reaproveitamento de estilos já existentes que não reanima os valores do estilo reaproveitado. Por isso *Guernica* (PICASSO, 1937) pode ser exibida no museu de *Filhos da esperança* (2006). A obra é recuperada, mas apenas como artefato desprovido da vida- ela se torna mera peça de decoração. O velho sobrevive nesta estética apenas enquanto estilo desprovido de valor.

Para Jameson (1992), a cultura dominante sofre uma perda de significados. Como já comentado, a crise da historicidade gera um sujeito que não vê um sentido unindo seu passado e futuro. A produção cultural desse sujeito, portanto seguirá este formato, será desprovida de uma unidade de sentido e será fragmentada. O autor contrasta a obra de Van Gogh (1887) chamada *Um par de sapatos* com a obra de Andy Warhol (1928-1987) chamada *Diamond dust shoes* (WARHOL, 1980). Segundo Jameson (1992), a primeira obra possui um conteúdo utópico. O pintor pinta as botas surradas de um trabalhador, mas em cores que transmitem uma atmosfera de otimismo. A obra reproduz uma sensação do momento vivido pelo autor e aquele que a observa pode reviver a sensação de perspectiva de um futuro melhor. Ora, este é um dos traços do que Lukács (1885-1971) chamou de grande arte, ser capaz de recriar um certo estado compreensível mesmo fora de sua época. O Grande artista, nesta óptica, cria uma obra que gera prazer estético séculos ou milênios após sua construção (LUKÁCS, 2018). A segunda obra, que já se insere em nossa estética contemporânea, se constitui de sapatos coloridos em cores psicodélicas que não geram o mesmo efeito de reprodução do momento do autor e a perspectiva de futuro. A obra de Warhol é fragmentada, existe nela um rombo hermenêutico. A peça não possui conteúdo, pelo menos não na mesma magnitude que a de van Gogh, que permite uma reconstrução muito mais profunda por parte de quem a aprecia (JAMESON, 1992).

Para a discussão aqui apresentada, é ainda necessário abordar como aquilo que se constata na esfera política e estética se transfere para a saúde mental. Exploraremos este tópico

lembrando alguns conceitos básicos relacionados ao ser social e às manifestações da ação do realismo capitalista sobre o bem-estar apontadas por Fisher.

### 3. Interferência no bem-estar

Alguns conflitos entre o bem-estar e a dinâmica social atual estão ligados a precarização do trabalho e pela fluidez típicas do neoliberalismo. Considerando uma ontologia de base marxista, podemos entender o ser humano como o resultado da interação de ser social, ser orgânico e ser inorgânico. Os dois primeiros, ser social e ser orgânico, interagem de forma na qual o impacto e formação do ser social exerce influência sobre o ser orgânico. O elemento fundante do ser social, ainda nessa perspectiva, é justamente o trabalho- a ação desenvolvida com base no fim a ser alcançado, estruturada mediante um pôr teleológico (LUKÁCS, 2015). Se o trabalho é elemento fundante do ser social e o ser social exerce influência sobre o ser orgânico, alterações no mundo do trabalho podem ter efeitos de menor ou maior amplitude na saúde física e mental. Pensando especificamente na bem-estar psíquico, é possível vislumbrar algumas manifestações dessa relação. Uma das principais funções conhecidas do trabalho se dá na construção das relações sociais e da autoestima (LUCCA, 2017). Antunes (2020) já comentara sobre a dificuldade de formação de laços entre os trabalhadores devido à instabilidade do emprego existente atualmente. É difícil estabelecer vínculos com colegas de trabalho quando o trabalhador, que passa a maior parte do dia exercendo a função para a qual é pago, e não trabalhando livremente, transita de uma empresa à outra com grande frequência. De certa forma, a sociabilização de nossa espécie parece ter sido construída em torno do trabalho. No que tange aos efeitos dessa precarização da sociabilização, sabe-se que a insatisfação na construção de relacionamentos, entendida como solidão, é um fator de risco para o desenvolvimento do transtorno depressivo maior- a depressão (VAN WINKEL et al, 2016).

A influência da sociabilidade neoliberal sobre a saúde mental, no entanto, nem sempre é tão diretamente perceptível. Fisher (2020) destaca problemas ligados a absorção da lógica cultural do realismo capitalista. O neoliberalismo é o resultado do fim da organização fordista da produção (DARDOT; LAVAL, 2016). A lógica cultural que permeia esta sociabilidade pós-fordista, o realismo capitalista, é moldada de acordo com esta nova forma de organização social. Existe uma absorção e remodelação do subjetivo a uma configuração condizente com a sociabilidade neoliberal. É de se esperar que este impacto sobre o subjetivo influa sobre o bem-

estar. O autor observa esta influência ao relembrar a atitude de alguns de seus alunos. Segundo ele, os estudantes britânicos sofrem o que ele chama de “hedonia depressiva<sup>5</sup>”.

Se a depressão está relacionada com a incapacidade de sentir prazer, a condição nomeada por Fisher (2020) é caracterizada pela necessidade constante de busca por prazer. Esta condição seria o resultado de uma busca por preencher um vazio de certa forma semelhante ao vazio do consumismo uma vez que Fisher atribui o comportamento dos estudantes ao duplo papel desempenhado por eles de consumidores e sujeitos de instituições disciplinares. Sobre o consumismo, o autor o relaciona justamente a perda do significado simbólico presente na redução lógica típica do capitalismo e que se manifesta também na formação do pastiche e a criação do consumidor. A própria aula já não parece ter significado uma vez que, independente dos resultados obtidos pelo estudante, a tendência é que isso não traga mudança real significativa pois seu destino é o trabalho precarizado e, podemos adicionar, incerto e possivelmente intermitente (ANTUNES, 2020). O consumidor consome, por isso, para preencher o vazio deixado pela ausência de significado generalizada. O estudante que manifesta a hedonia depressiva o faz por meio de estímulos constantes, como se tivesse que experimentar um análogo à satisfação do consumo constantemente. Fisher chega a comentar o caso de um estudante que mantém os fones de ouvido ligados mesmo sem ser capaz de escutar a música. O próprio ruído gerado pelo dispositivo parece saciar uma espécie de dependência. Se a perda de significado é ampliada pela não necessidade de manutenção de valores simbólicos derivada da não existência de uma alternativa ao hoje, o realismo capitalista se torna o amplificador da hedonia depressiva.

Fisher (2020), encontra uma correspondência entre a estética dominante e a depressão. O realismo capitalista não propõem um mundo melhor e aplica uma aceitação do neoliberalismo<sup>6</sup> como única sociabilidade possível. As alternativas são vistas como perigosas, delírios que levam ao fracasso e a um sofrimento maior. Assim, Fisher (2020) compara o realismo capitalista à depressão. A própria busca por uma saída de uma situação de sofrimento é vista pelo depressivo como perigosa. O autor demonstra este efeito abordando o discurso comum que sublinha os excessos autoritários resultantes das experiências do socialismo real.

---

<sup>5</sup> Uma busca por estímulos, uma busca por atividades pазerosas mas que, em última instância, é, de certa forma, depressiva.

<sup>6</sup> Fisher (2020) deixa claro que hoje o realismo capitalista se relaciona ao neoliberalismo. Contudo, ele explica que o realismo capitalista pode transpor o neoliberalismo e ser reaplicado, por exemplo, em um cenário de social-democracia.

Considerando o que dizem Dardot e Laval (2016), devemos compreender que a repulsa neoliberal pela interferência estatal na forma de *welfare state* é de magnitude próxima à repulsa pelo socialismo. Portanto, o *welfare state* deve ser incluído na lista de ilusões perigosas das quais o sujeito é adestrado a se afastar.

Safatle (2022), abordando o neoliberalismo, fonte do realismo capitalista, fornece um outro excelente exemplo de como se instala essa descrença nas alternativas. Ele verifica que termos classicamente utilizados na discussão quanto à moral foram transferidos para a economia. O termo “austeridade”, por exemplo, foi transferido diretamente da filosofia da moral para a discussão econômica. Aceitar a austeridade é um dever moral compartilhado. Tanto indivíduo quanto estado devem cumprir com este dever. Devemos destacar, entretanto, que Safatle (2022) afirma que esta é uma moral que remete a uma suposta maturidade. Aceitar e cumprir este dever moral é, portanto, ser maduro o suficiente para encarar os fatos e arcar com os desafios do mundo real de forma autônoma.

O termo “liberdade” também é utilizado em conjunto com o discurso sobre a maturidade e a responsabilidade. Dentro do discurso neoliberal, “liberdade” se relaciona com a liberdade de aplicação de recursos na disputa econômica. O cerceamento de direitos individuais e de garantias não é englobado pelo termo da forma que se convencionou utilizar no discurso neoliberal (Franco et. al, 2022).

De tal forma, devemos notar que existe aqui compatibilidade com as observações feitas por Fisher (2020) quanto ao surgimento de uma lógica cultural baseada na ausência de valor e conteúdo pois, a aceitação da sociabilidade neoliberal não se apresenta como uma escolha pelos “valores neoliberais” em detrimento de valores outros, mas simplesmente como um elemento a ser alcançado no amadurecimento do indivíduo. Se forma uma moral que se apresenta como neutra, não rompendo assim com a estética dominante, a estética do pastiche. Consequentemente, se forma uma subjetividade que crê que o cenário em que vive, ainda que precário, não pode ser mudado pois as tentativas de fazê-lo são ilusões infantis e perigosas. Ser adulto, maduro e responsável é aceitar a competição sem garantias, mesmo que esta pareça ruim, pois é uma realidade para a qual não há saída. De forma semelhante, o depressivo vê sua situação de sofrimento como única realidade possível aceitá-la é uma posição de preservação contra a decepção que as ilusões infantis de felicidade possam trazer.

Fisher (2020) faz, por fim, referência ao transtorno bipolar como símbolo do capitalismo que se intensifica com o pós-fordismo. Para Fisher (2020), a bipolaridade é como uma

interiorização do ritmo da própria sociedade atual onde períodos de ascensão e depressão se alternam com frequência. Estes períodos são equivalentes à fase depressiva e à fase maníaca apresentadas pelo bipolar. Novamente, a subjetividade se molda à sociedade.

Os efeitos da ação do realismo capitalista não se restringem a quem o adota. Ela afeta também grupos culturais não-hegemônicos. Para expandir o alcance de nossa análise até esse ponto, urge acrescentar conteúdo ao pensamento de Fisher. Devemos observar os desdobramentos daquilo que Rodney William chama de “apropriação cultural” e que se aproxima muito da ação do Pastiche identificada por Jameson (1992).

William (2019), entende por “apropriação cultural” a absorção de elementos de culturas dominadas pela cultura dominante e sua transformação em mercadoria. Um exemplo bastante ilustrativo deste evento é quando a indumentária religiosa ou objetos de grande importância cultural de grupos minoritários são transformados em objetos de decoração. Aqui o sofrimento adquire uma face mais diretamente relacionável ao mundo material pois o próprio grupo em questão, para além de ter sua iconografia descaracterizada e absorvida, também sofre pressão material direta. O autor destaca que a apropriação cultural se soma ao processo de extermínio de grupos historicamente perseguidos. O extermínio opera também mediante um genocídio cultural. Se a cultura que caracteriza o grupo é apagada, o grupo também o é. No praticante da cultura minoritária a ser canibalizada, o sentimento é o de desrespeito e, a depender da extensão, perda de identidade.

#### **4. Considerações finais**

Considerando que a estética dominante reflete elementos da sociabilidade vigente que se propagam também para a subjetividade, podemos concluir que o estudo da estética é uma porta para o entendimento do funcionamento da sociedade e, pensando no bem-estar, para o entendimento do sofrimento psíquico. O sofrimento psíquico abordado por Safatle (2022) em sua relação com o neoliberalismo encontra eco na lógica do realismo capitalista observada por Fisher (2020). Isso tende a contribuir para o fortalecimento da posição de ambos os autores e na consolidação de abordagens referentes ao bem-estar psíquico que não considerem o indivíduo de forma atomista, cuja formatação é explicada de forma apartada da dinâmica social. Destaco aqui algumas das conclusões que devem ser retiradas da leitura das obras em conjunto.

Dardot e Laval (2016) já identificaram a tendência ao surgimento de uma nova subjetividade na formação de um homem empresa. Para além dessa face da subjetividade criada pelo neoliberalismo, mediante o aqui exposto, podemos ressaltar outras tendências dessa nova subjetividade.

Primeiramente, podemos concluir que esta subjetividade sufoca outras formas de subjetividade até sua extinção. Assumindo que determinadas formas de identidade são apagadas mediante a absorção de elementos culturais pela cultura dominante (WILLIAM, 2019), podemos entender que elementos subjetivos destoantes são eliminados. Concepções de mundo e posicionamentos quanto a forma de viver são apagados da mesma forma que a iconografia a eles relacionada perde seu conteúdo. Traços culturais e costumes que caracterizam grupos desprivilegiados não necessariamente são combatidos de forma direta mediante uma negação, mas são incorporados a uma cultura, tida como geral, plástica que os transforma em mercadoria. Não há uma disputa de valor e significado entre a cultura absorvida e a cultura absorvente, apenas a aceitação do realismo capitalista, da dinâmica neoliberal como ela é, e a perda de valor e significado resultante. A cultura dominante é ela mesma desprovida de significado, informação esta que não está inclusa no conceito original de apropriação cultural de William (2019), mas é resultado da reflexão que aqui realizamos. Esta aceitação de elementos culturais, contudo, tem como efeito a descaracterização desses elementos. Ao absorver a estética do pastiche, se assume que o posicionamento que não seja a aceitação da realidade do realismo capitalista é uma ilusão, um ato sem possibilidade real de ação sobre o mundo. O sujeito neoliberal tende a ver a iconografia cultural e política- de forma semelhante à forma como vê camisetas com o símbolo anarquista ou com uma foice e um martelo ou uma indumentária religiosa sendo vendidas no site de uma multinacional de *e-commerce*. Na prática, existe pouca diferença, excluindo-se o desenho, entre elas e as demais camisetas na loja. O símbolo se reduz à decoração. Deixar de ver significado se torna um ato de amadurecimento dentro da lógica cultural vigente. Isso equivale dizer que assumir a subjetividade neoliberal passa a ser visto como benéfico. A subjetividade neoliberal se impõem, apesar de não parecer fazê-lo. A ausência de uma disputa de valores em sua ação serve como um manto que oculta sua propagação.

Finalmente, deve ser destacado, ou destacado novamente, dado que é ponto comum a Fisher e Safatle, que a subjetividade neoliberal encontra dentro de si estruturas semelhantes a aquelas dos transtornos da esfera mental. O sujeito não vê alternativas à sua realidade se limitando a reinterpretar e não transformar sua situação. O sujeito, dado que assume um caráter

de um eterno consumidor compulsivo devido à perda de significado e conteúdo de tudo, sente necessidade de estímulo constante, mesmo que este estímulo não tenha um conteúdo compreensível. Na ausência de estímulos, sente desconforto. Sua compreensão do mundo é fragmentada. Seu passado, presente e futuro parecem não fazer sentido. Este rombo hermenêutico parece contribuir para o sofrimento psíquico. O sujeito, ainda, aceita o ritmo de depressões econômicas, demissões, troca de emprego, e precarização e o incorpora a sua forma de ser. Por fim, adota uma moral baseada na responsabilização própria por seu insucesso e a esperança de transformação se torna um sinal de falta de maturidade para aceitar aquilo que é entendido como realismo capitalista.

## **Agradecimento CAPES**

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001

## Bibliografia

ANTUNES, Ricardo; FILGUEIRAS, Vitor. Plataformas digitais, Uberização do trabalho e regulação no Capitalismo contemporâneo. *Contracampo*, Niterói, v. 39, n. 1, p. 27-43, abr./jul. 2020. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/contracampo/article/view/38901>

ANTUNES, Ricardo. *O privilégio da servidão*. São Paulo: Boitempo 2020.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. *A nova razão do mundo*. São Paulo: Boitempo, 2016

FILHOS da esperança. Direção: Alfonso Cauron. Produção de Striker entertainment e Hit & Run productions. Estados Unidos: Universal, 2006. DVD (109 min)

FISHER, Mark. *Realismo capitalista*. São Paulo: Autonomia Literária, 2020

FOGO contra fogo. Direção: Michel Mann. Produção: Regency Enterprises; Forward Pass. Estados Unidos: Warner Bros, 1995. VHS (170 min).

FRANCO et al, Vladimir. O sujeito e a ordem do mercado: gênese teórica do neoliberalismo. In SAFATLE, Vladimir; SILVA, Nelson Júnior; DUNKER, Christian. (orgs.) *Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico*. São Paulo: Autêntica, 2022 p 47-76

JAMESON, Frederic. *Postmodernism, or, The Cultural Logic of Late Capitalism*. Durham: Duke University Press, 1992

LUCCA, S. R. de. Saúde, saúde mental, trabalho e subjetividade. *R. Laborativa*, v. 6, n. 1 (especial), p. 147-159, abr./2017. Disponível em: <http://ojs.unesp.br/index.php/rlaborativa>

LUKÁCS, Gyorgy. *Introdução a uma estética marxista*. São Paulo: Instituto Lukács, 2018.

LUKÁCS, Gyorgy, *Para uma ontologia do ser social II*. São Paulo: Boitempo, 2015.

MARX, Karl. H; ENGELS, Friederich. *A ideologia alemã*. São Paulo: Boitempo, 2007

O PODEROSO Chefão. Direção: Francis Ford Coppola. Produção: Paramount Productions; Alfran Productions; Estados Unidos: Paramount Pictures, 1972. VHS (175 min)

OS BONS companheiros. Direção: Martin Scorsese. Produção: Irwin Winkler. Estados Unidos: Warner Bros. VHS (146 min).

PICASSO, Pablo. Guernica. 1937. Pintura. Tinta á óleo. 3,49 m x 7,77 m. Museu Nacional de Arte Reina Sofia, Madrid

SAFATLE, Vladimir. A economia é a continuação da psicologia por outros meios. In SAFATLE, Vladimir; SILVA, Nelson Júnior; DUNKER, Christian. (orgs.) *Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico*. São Paulo: Autêntica , 2022 p 17-46

VAN GOGH, Vincent. Um par de sapatos. Óleo sobre tela, 34 x 41 cm, 1887. Baltimore Museum of Art, Baltimore, Estados Unidos.

VAN WINKEL et al. Unraveling the role of loneliness in depression: The relationship between daily life experience and behavior. *Psychiatry*, v80, n2, p.104-117, Verão, 2017

WARHOL, Andy. Diamond dust shoes. 1980. Quadro. Captura de tela com pó de diamante. 40×59 cm. The Andy Warhol Foundation for the Visual Arts. Nova York

WILLIAM, Rodney. *Apropriação Cultural*. São Paulo: Pólen, 2019.